

Miliários inéditos da Geira (via XVIII do Itinerário de Antonino, Norte de Portugal) associados às milhas XXX e XXXI a *Bracara Augusta*

Unpublished Roman milestones of Geira (route XVIII of the Antonine Itinerary, North of Portugal) related with miles XXX and XXXI a Bracara Augusta

ARMANDO REDENTOR

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras
(FLUC).

Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)

E-mail: aredentor@uc.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>

FRANCISCO SANDE LEMOS

Arqueólogo, PhD.

E-mail: sandelemos@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4645-1865>

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo.

E-mail: ambaptista1950@sapo.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-6662-7061>

RECIBIDO: 31 DE ENERO DE 2023

ACEPTADO: 7 DE MARZO DE 2023

MAFALDA ALVES

Arqueóloga.

E-mail: mafaldasda@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5247-6834>

PAULO BERNARDES

Universidade do Minho, Unidade de Arqueologia
(UAUM).

Laboratório de Paisagens, Património e Território
(LAB2PT).

E-mail: pbernardes@uaum.uminho.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0838-1349>

Resumen: La *uia noua* o vía XVIII del Itinerario de Antonino tiene origen en época flavia y establece la conexión directa entre dos capitales del extremo de la *Hispania citerior*: *Bracara Augusta* y *Asturica Augusta*. Uno de los aspectos más impactantes en relación con esta vía, teniendo en cuenta que no tiene raíces en época de Augusto, es el gran número de miliarios que le están asociados, lo que la coloca entre las que poseen mayor densidad de estos soportes epigráficos en todo el imperio. Se estudian dos miliarios recuperados, en la década de 1990, en

las millas XXX y XXXI a *Bracara Augusta*, ubicadas en la sierra de Gerês (Terras de Bouro, Braga, Portugal), atribuibles a los hijos de Constantino I, haciéndose asimismo la revisión de un tercero, de Maximino y Máximo, relativo a la primera de estas millas y de descubrimiento más reciente. Una particularidad de uno de estos miliarios inéditos es el hecho de que conserva restos de pintura asociada a la inscripción. Se hace el estudio epigráfico completo, también con enfoque al significado de estos soportes en el contexto paisajístico local.

Palabras Clave: red viaria romana, miliários, *uia noua*, *conuentus Bracaraugustanus*, Norte de Portugal.

Abstract: The route XVIII of the Antonine Itinerary or *uia noua*, setting back to the Flavian period, came forward as a new direct link between two capitals of the western territory of *Hispania Citerior*: *Bracara Augusta* and *Asturica Augusta*. One of the most impressive aspects related to this route, considering that it doesn't have origin in Augustan times, is the large number of milestones associated, which catapults it to the forefront of those with the highest density of these epigraphic supports throughout the whole empire.

This article presents two milestones attri-

butable to the sons of Constantine, which were recovered, in the 1990s, at miles XXX and XXXI *a Bracara Augusta*, in the Gerês mountain range (Terras de Bouro, Braga, Portugal). A revision of the text of a third milestone attributable to Maximinus and Maximus and more recently recovered at the first of these miles is also made. A peculiar aspect of one of the unpublished milestones is the fact that it preserves traces of painting associated with the inscription.

A complete epigraphic study is carried out, also attending the sense of these supports in the local landscape context.

Keywords: Roman road network, milestones, *uia noua*, *conuentus Bracaraugustanus*, NW Portugal.

1. INTRODUÇÃO

A extensão da rede viária no mundo romano e a sua importância no contexto da comunicação e mobilidade, com todos os propósitos que lhes possam andar associados, é temática de fulcral importância nos estudos sobre a Antiguidade e tanto a arqueologia como a epigrafia são disciplinas fundamentais para um conhecimento detalhado e real dos traçados e das suas características, a par de outras fontes (cf. Forbes, 1965; Chevallier, 1988; Laurence, 1999; Kolb, 2011-2012 e 2014).

No Noroeste hispânico, a infraestruturação viária foi de capital relevância na integração territorial após a conquista romana, nomeadamente articulando as três capitais conventuais do extremo ocidental da *Hispania Citerior*, de fundação augustana. Se o processo de infraestruturação viária neste setor hispânico teve início precisamente com Augusto, ele não se detém nesses primórdios da ocupação romana, pois conhece, em época flaviana, um outro marcante capítulo (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 11-20), que bem espelha a abertura da designada *uia noua*, numerada como XVIII no Itinerário de Antonino (*Itin. Ant. Aug.*).

Esta via XVIII estabeleceu ligação entre *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga) (Figura 1). A sua construção sob os Flávios está documentada por um conjunto de miliários do ano 80 que mencionam a intervenção de *G. Calpetanius Rantius Quirinalis Valerius P. f. Pomp. Festus*, legado imperial da *Hispania citerior* plausivelmente no triénio 78-81, estando confirmado em 79 e 80, sob Vespasiano e Tito (Alföldy, 1969: 21-22 e 127; Ozcáriz Gil, 2013: 102; Andreu Pintado, 2022: 39 e 325-327). Esta cronologia flaviana sustenta a referida designação de *uia noua*, documentada

em alguns exemplares de miliários (MOIVNH 249 [a *Bracara Augusta*, milha XIV], CIL II 4802 = MOIVNH 268 [milha XVIII], CIL II 4803 = MOIVNH 270 [milha XIX], MOIVNH 312 [milha XXIX], 330 [milha XXXI], CIL II 4838 = MOIVNH 381 [milha XXXIV], CIL II 4854 = MOIVNH 498 [ab *Asturica Augusta*, milha ?], MOIVNH 503 [milha XCIV], 513 [milha ?], 517), pois as restantes estradas principais que também conectam as capitais conventuais entre si têm cronologia anterior (Lemos, 2002; Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004; Redentor, 2017: 454-474).

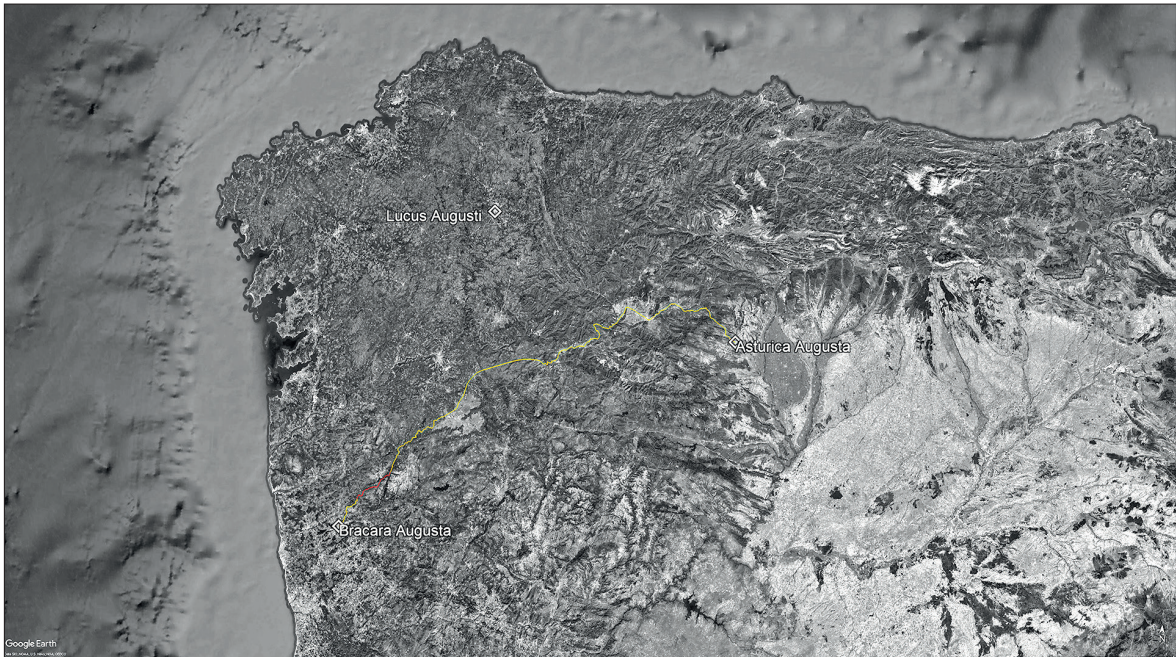


Figura 1

Traçado da *uia noua* entre *Bracara Augusta* e *Asturica Augusta*
(a vermelho, troço entre as milhas XIV e XXXIV a *Bracara Augusta*) [© Autores]

O seu traçado em território português e galego é particularmente distinto na área da serra do Gerês/Xurés, onde, para além de troços bem conservados de via e de restos de obras de arte para travessia nas muitas linhas de água, há uma concentração extraordinária de miliários. O troço português entre as milhas XIV e XXXIV a *Bracara Augusta* (município de Terras de Bouro, Braga) encontra-se, inclusive, classificado como Monumento Nacional, desde 2013 (Decreto n.º 5/2013, DR, 1.ª série, n.º 86 de 6 maio), atendendo às evidências monumentais da infraestrutura viária e à riqueza epigráfica (Figura 2).

De acordo com o Itinerário de Antonino e um miliário bracarense de Adriano *in capite uiae* (MOIVNH 238), esta estrada, categorizável entre as *uiae publicae* (Kolb, 2015: 652-653), tem 215 milhas no seu traçado total. O elevado número de miliários que lhe estão associados – aproximadamente 300 (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 30-31, indicando, à altura, 281) – faz dela a via ou uma das vias com maior concentração de miliários tanto no Noroeste peninsular como nos restantes territórios imperiais.

As primeiras referências aos miliários do setor geresiano da via datam do século XVI (Lemos *et al.* 2008: 13-17), mas o seu número tem-se incrementando continuamente, como comprovam os miliários, dos séculos III e IV, a que aludiremos, todos eles cilindros de granito – o suporte pétreo maioritário neste contexto viário – com inserção em duas milhas distintas: a XXX e a XXXI a *Bracara Augusta*, situadas entre a primeira *mansio* elencada no referido Itinerário de Antonino, *Salaniana* (*Itin. Ant. Aug.* 427,6), na milha XXI, e a seguinte, *Aquae Oreginae* (*Itin. Ant. Aug.* 428,1), na milha XXXIX.

Entre 1977 e 1992, o troço português desta, conhecido por Geira e associado ao vale superior do rio Homem, foi objeto de diversas ações de estudo por parte da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Diferentes intervenções arqueológicas decorreram entre as milhas XXIX e XXXIV, tendo os trabalhos de maior envergadura sido realizados em 1978 e 1992 (Lemos e Baptista, 1995-1996: 113).



Figura 2
Via noua: troço entre as milhas XIV e XXXIV a *Bracara Augusta* [© Autores]

A lista de resultados obtidos nas intervenções realizadas nesse período é extensa, tendo permitido acumular conhecimento sobre muitos aspetos da viação de montanha, desde a tecnologia de construção da estrada à arquitetura dos edifícios de apoio à circulação, passando, ainda, pela produção de miliários e comunicação a eles vinculada (cf. Lemos *et al.* 2008).

Durante os trabalhos realizados em 1992, três miliários inéditos associados às milhas XXX e XXXI foram referenciados, tendo dois deles sido objeto de recolha, mas permanecendo até ao presente sem qualquer estudo específico. No presente texto dá-se a conhecer o estudo epigráfico desses dois miliários, que se mantêm à guarda do Parque Nacional da Peneda-Gerês, fazendo-se, ainda, uma abordagem revisória a um miliário de Maximino e Máximo relacionado com a primeira das milhas referidas, entretanto identificado e publicado.

2. AS MILHAS XXX E XXXI A BRACARA AVGVSTA DA VIA XVIII

Entre as milhas XXIX e XXXIII, a via XVIII foi conduzida pela margem esquerda do rio Homem, transpondo-o para norte antes da milha seguinte, na designada ponte de São Miguel (Lemos *et al.*, 2008: 71-86), levantada num ponto de estreitamento do vale fluvial, que, entre a serra Amarela e a do Gerês, se caracteriza por variações de carácter morfológico que vão do encaixamento a uma maior abertura em função das características geológicas e tectónicas.

Partes do percurso entre as milhas XXIX e XXXI são hoje intercetadas pelo plano de água da albufeira de Vilarinho das Furnas, estando, desde 1971, ora submersas ora emersas consoante a variação do nível das cotas, uma vez que têm implantação abaixo do nível pleno de armazenamento.

Junto ao lugar da Bouça da Mó, numa faixa hoje submersa correspondente à milha XXX, localizava-se uma *mutatio* cujos alicerces, conhecidos de há muito (Cape-la, 1895: 62), foram objeto de escavação na campanha arqueológica de 1992 (Figura 3).

Trata-se de um edifício retangular (21 × 14 m) implantado junto à via, numa pequena elevação da margem esquerda da ribeira da Mó. Embora tenha sido construído com recurso ao granito, no seu interior não foram detetadas paredes divisórias neste material, apenas pilares. Estes dariam suporte a estrutura de madeira, sobre a qual também corria o travejamento da cobertura realizada com *tegulae* e *imbrices*, e que plausivelmente permitiria a criação de uma organização do espaço igualmente materializada com madeiramento (Lemos *et al.*, 2008: 213). A sua cronologia, estimada em função de fragmentos de *terra sigillata* hispânica e de cerâmica comum, bem como de uma moeda de bronze, é apontada como correspondente à segunda metade do século I (Baptista *et al.*, 1995: 21; Lemos e Baptista, 1995-1996: 117), coadunando-se, assim, com a da construção da estrada.

Curiosamente, com exceção de uma referência setecentista a um miliário desaparecido que marcaria XXX milhas (*MOIVNH* 320), não existia outro registo de qualquer miliário associado a esta distância até à realização dos trabalhos de 1992, durante os quais se identificaram dois.

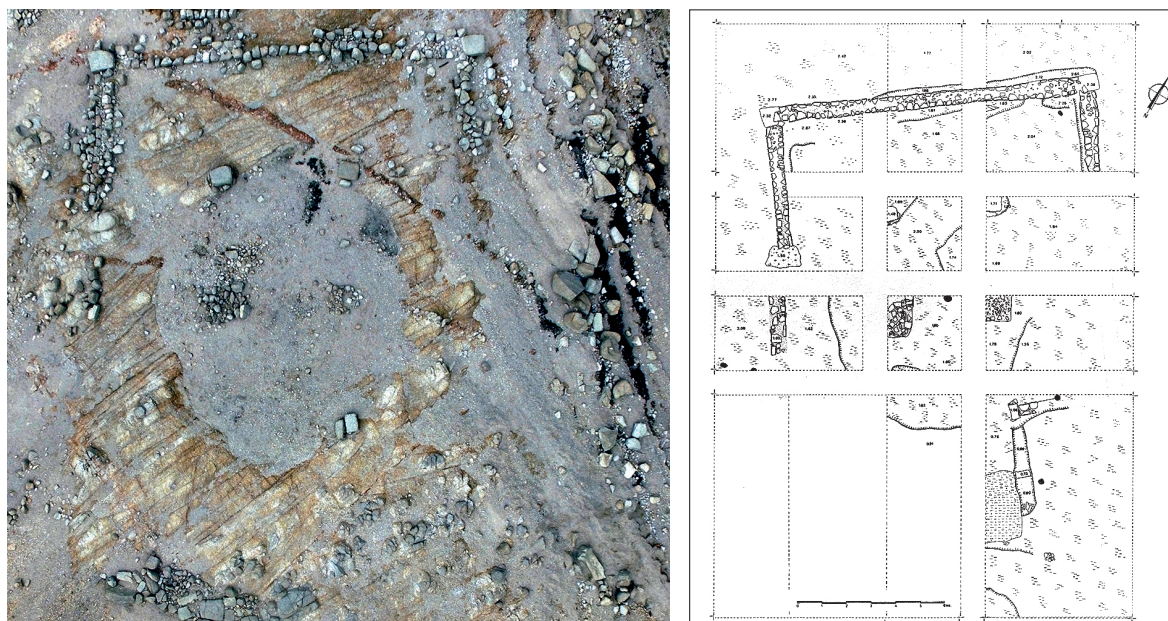


Figura 3

Vista aérea dos vestígios (Out. 2019) e planta da *mutatio* da Bouça da Mó [© Autores]

A notícia daquele miliário consta no relato do Pe. José de Matos Ferreira (1728 [1982: 32]), reportando-o este clérigo a sítio denominado Berbezés, indicando também o seu furto por parte de um morador de Vilarinho. Todavia, não volta a ser referenciado (cf. Capela, 1895: 61), decerto por se lhe ter perdido o rasto. Não obstante, uma nota publicada em blogue, em Outubro de 2011, faz referência a fragmento de miliário reaproveitado numa construção de Vilarinho da Furna, sendo aí alvitrada a possível relação com esta referência setecentista (Louro, 2011), mas desconhece-se se a inscrição conserva aquela indicação miliária. Não obstante, sem a imprescindível autópsia ao achado não será possível um controlo desta aventada correspondência, pois a realidade é que aquele relator faz igualmente outras referências a miliários levados do trajeto da Geira por gente de Vilarinho, inclusive da milha anterior, mencionando o caso de um miliário epigrafado com vinte e cinco palmos de altura que foi retalhado para fazer pesos de lagar e outras obras semelhantes (Ferreira, 1728 [1982: 32]).

A referência a um miliário de Adriano associado à milha XXX com base em nota de Barros Sibelo (1875: 159 = *CIL* II 6220) deve ser desestimada, uma vez que parece resultar de confusão com o da milha seguinte relacionado com este imperador (cf. *CIL* II 4821 = *MOIVNH* 331), atendendo a que o autor em estudos distintos (Barros Sibelo, 1875 e s/d) oscila no número de milhas, embora sempre fazendo referência ao mesmo ponto topográfico que designa de *Arroyo de Galfo*.

Dos dois miliários reconhecidos, na década final do século transato, na milha XXX, apenas aquele de que se faz publicação no presente estudo foi exumado, permanecendo o outro, identificado já no final dos trabalhos de escavação realizados na *mutatio*, sepultado nos sedimentos da encosta (Baptista *et al.*, 1995: 21 = *MOIVNH* 328), não havendo acerca dele qualquer informação mais substancial, nomeadamente de

cariz cronológico. Em 2011, em face da descida da cota da albufeira, o mesmo esteve visível conforme se atestou já entrado o outono, confirmando-se tratar-se de exemplar epigrafado (Barbosa, 2011). O que se recolheu data do século IV, sendo dedicado aos filhos de Constantino I, conforme se dará testemunho mais detalhado abaixo.

No inverno de 2007, exumou-se no local um novo miliário (Lemos *et al.*, 2008: 213), de Maximino e Máximo, o qual se identificou, posicionado no leito de regato que por aí escoava, numa fase de grande abaixamento das águas da albufeira e foi removido pela Câmara Municipal de Terras de Bouro para as suas dependências (Ferrer Sierra e Rodríguez Colmenero, 2010: 219), encontrando-se presentemente no Museu da Geira, no Campo do Gerês.

A milha seguinte corresponde ao designado Bico da Geira e o percurso da via desde a Bouça da Mó coincide com o traçado da estrada florestal que atravessa a Mata de Albergaria. Esta milha do Bico da Geira, a XXXI, situa-se junto à ribeira de Padredo, onde se conserva troço lajeado, de um e outro lado desta linha de água que aflui ao rio Homem, indiciador das estratégias de infraestruturação antiga em face da necessidade de atravessamentos destas artérias de pequeno caudal que não ofereciam grandes dificuldades de vadeação. Evidencia o recurso a lajes de grande e média dimensão, de modo a tornar mais firmes e estáveis os trechos que maiores danos poderiam sofrer pelo crescimento das águas fluviais nas épocas mais pluviosas.

Um conjunto de 16 miliários encontra-se agrupado a norte da linha de água, mas é admissível que a disposição hoje visível não corresponda à sua implantação original, sendo antes resultado de esforços continuados para contrariar a sua dispersão e perda, em parte ditados pelos trabalhos de instalação da estrada florestal nos anos 40 da centúria passada. Apenas 10 têm inscrição, assinalando um intervalo de tempo que vai desde os finais do século I ao início do IV (MOIVNH 330-337 e 339-340). O mais antigo, que assinala as XXXI milhas desde *Bracara Augusta*, foi levantado no imperialato de Tito (MOIVNH 330), sendo o seu valor documental relevantíssimo por coincidir com o período de lançamento deste projeto viário. A menção das milhas apenas consta nos letreiros de quatro dos miliários mais antigos, que para além deste último, são de Adriano (MOIVNH 331), Caracala (MOIVNH 332) e Décio (MOIVNH 333), não havendo esse registo após 250. É à terceira centúria que corresponde a maioria dos exemplares desta milha, pois além dos dois referidos em último lugar, há a arrolar um de Probo e Caro (MOIVNH 334), um de Caro e Carino (MOIVNH 335) e um outro de Numeriano (MOIVNH 336). Os do século IV também são em maior número que os dos séculos I e II, estando documentados miliários referentes a Constantino I (MOIVNH 337) e a Graciano (MOIVNH 340), outro eventualmente a um filho do primeiro, quiçá Constâncio II (MOIVNH 339), para além do segundo que agora se publica, tal como o primeiro dedicado aos três filhos de Constantino I, mas sem presença no local. Os restantes são cilindros atualmente anepígrafos (MOIVNH 341-346). A este conjunto epigráfico associam-se vestígios de pedreiras e de corte de pedra que se têm colocado em correlação (Lemos *et al.*, 2008: 219; Fontes *et al.*, 2020: 62).

No verão de 1992, antes dos trabalhos de desmatamento realizados no local, apenas se encontravam eretos sete miliários, tendo então sido recuperados catorze exemplares, tanto soterrados na área onde se erguia este conjunto visível, como no leito da ribeira de Padredo. No total, há, assim, mais quatro exemplares anepígrafos: três que poderão encontrar-se presentemente soterrados depois de terem sido recolocados na adjacência da estrada e um fragmento que se deslocou para instalações do Parque Nacional da Peneda-Gerês juntamente com o que daremos conta mais à frente (Lemos e Baptista, 1992: 22).

3. NÓTULA AO MILIÁRIO DE MAXIMINO DA MILHA XXX A BRACARA AVGVSTA

Posteriormente à publicação do referido miliário de Maximino e Máximo realizada por S. Ferrer Sierra e A. Rodríguez Colmenero (2010: 219 = *HEp* 19, 2010, 467) – o seu achador em visita ao local – o mesmo também foi objeto de reestudo por nós próprios, nomeadamente com recurso à fotogrametria digital (Figuras 4 e 5), tal como os outros dois exemplares até ao presente inéditos que de seguida apresentaremos.

Corresponde a suporte cilíndrico bem acabado, mas incompleto por perda da parte inferior e com desgaste acentuado que afeta a inscrição em alguns setores. Conserva 1,47 cm de altura e um diâmetro máximo de 70 cm. Estão preservadas nove linhas de texto, a última das quais seccionada. Os seus editores referiram meramente a impossibilidade de saber se teria tido expressa a indicação miliar e a referência à reparação da via com a fórmula *uias et pontes in temporibus uetustate conlapsos*, à semelhança de outros miliários desta via, designadamente no território atualmente galego (*u. g.* *MOIVNH* 431, 446, 453, 460, 461, 468). Considerando os textos de outros miliários deste imperador localizados em milhas mais próximas e até ao passo da Portela do Homem (cf. *MOIVNH* 313 [milha XXIX], 349, [milha XXXII], 367 [milha XXXIII], 384 [milha XXXIV]), poderão estar em falta cerca de três linhas, sem inclusão da expressão que alude ao objeto da reparação, mas plausivelmente com indicação das milhas. O estudo revisório autóptico e analítico da microtopografia do modelo fotogramétrico permitiu também afinar a leitura relativamente à edição inicial, com pontuais modificações na transcrição das linhas 1, 3, 5, 8 e 9.

$\overline{I\overline{M}P}$ (erator) · $\overline{CA\overline{E}S}$ [AR C(aius) IVLI]VŞ VERVS MAXI-
 MINVS · P(ius) · F(elix) · AVG(ustus) · GERM(anicus) · MAX(imus) · DAC(icus) ·
 MAX(imus) S[·]AR M(aticus) [· M]AX(imus) · PON(ti)F(ex) MAX(imus) ·
 TRIB(unicia) · POT(estate) · V · $\overline{I\overline{M}P}$ (erator) · V[II] · P(ater) · P(atriciae) · CO(n)S(ul) PRO ·
 CO(n)S(ul) · ET · G(aius) · I[VL]I]VŞ VERVS MAXI-
 MVS NOBIL[ISS]IMVS CAES(ar) GERM(anicus) ·

MAX(imus) · DAÇ(icus) · MAÇ(imus) · ŞAŖM(aticus) · MAX(imus) ·
PRINCEPŞ · IIV|VENTVTIŞ FILIVS ·
D(omini) |·| N(ostri) · IMP(eratoris) · Ç(aii) |·| IVLİ |·| VERI · MAÇIMI
|P(ius) F(elix) AVG(ustus) CVRANTE Q(uinto) DECIO VALE-
RINO LEGAT(o) AVGG(ustorum) PRO PR(aetore) C(larissimo) V(iro)
A BRAC(ara) AVGG(usta) M(ilia) P(assum) XXX|

Na primeira regra, é de assinalar a lacuna entre os três primeiros caracteres de *Caesar* e os dois últimos de *Iulius*; na terceira, a inclusão de *interpunctio* entre as duas primeiras letras da abreviatura *sarm(aticus)* e o desaparecimento da primeira letra da abreviatura *max(imus)* que lhe sucede; na quinta e oitava, também a perda de caracteres, dois em *Iulius* e um em *iuuentutis*, respetivamente; na nona, de que resta apenas a parte superior, cabe a inclusão da inicial do *praenomen Gaius*.

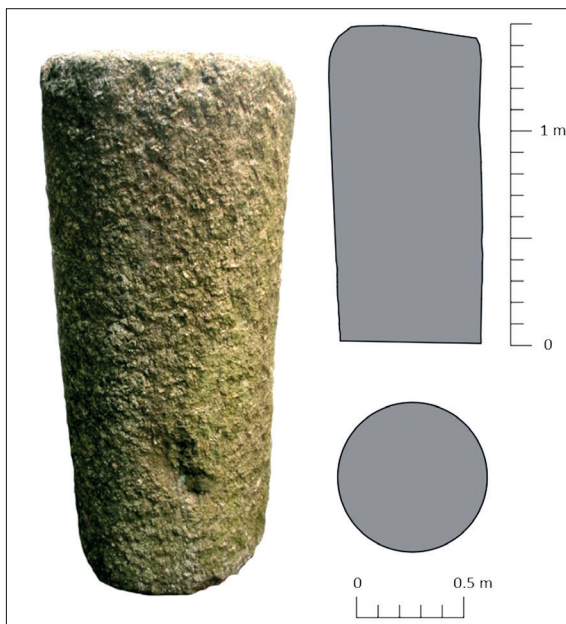


Figura 4
Miliário de Maximino e Máximo
da Bouça da Mó
[© Autores]

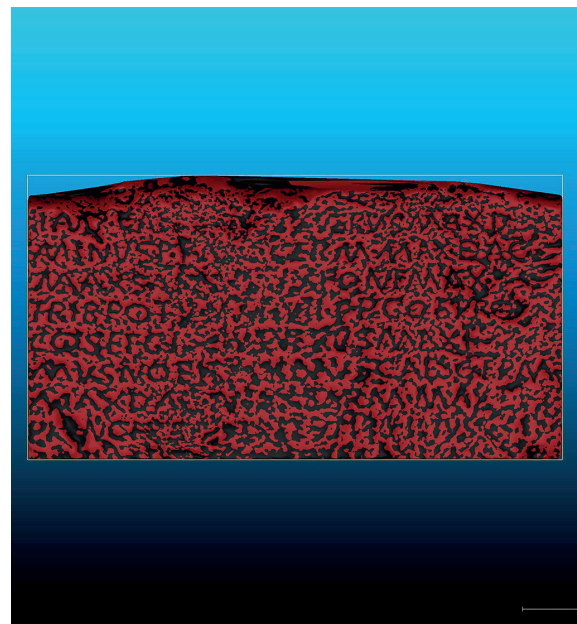


Figura 5
Modelo fotogramétrico desdobrado
do miliário de Maximino e Máximo
da Bouça da Mó (milha XXX) [© Autores]

O miliário é datável de janeiro a abril de 238, último ano de governo de Maximino, o Trácio (*PIR*² I 619; Southern, 2001: 64-66), tal como os restantes miliários desta via atribuíveis a este imperador que conservam a indicação numérica do poder tribunicio e das saudações imperiais recebidas: respetivamente V e VII. Não obstante, é suficientemente conhecido que terá recebido a sétima aclamação neste ano, mas não o quinto poder tribunicio que os miliários do Noroeste hispânico consistentemente

apontam (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 782; Abascal, 2020: 59), pois ter-se-á ficado pelo IV, atribuído em 237 (Peachin, 1989: 56-57; Kienast, Eck e Heil, 2017: 176). Infelizmente não contamos com a parte final, onde, para além da filiação de Maximino, haveria decerto referência à intervenção do legado imperial *C. Messius Q. Decius Valerianus*, que nas inscrições surge designado como *Q. Decius* ou *Q. Decius Valerinus*, na execução dos trabalhos – na prática, o encarregado das vias a nível provincial –, bem como a referência ao número de milhas, plausivelmente especificando contagem desde *Bracara*. Trata-se do futuro imperador Trajano Décio (*PIR*² D 28; *PIR*² M 520), que governou a *Hispania citerior* entre 235 e 238 (Alföldy, 1969: 56-60; Ozcáriz Gil, 2013: 105).

Estes miliários apontam, evidentemente, para que a conceção dos textos a gravar resulte de decisão oficial disseminada a partir da sede do governo provincial ou das capitais conventuais (Abascal, 2020: 59) devendo em determinados casos adaptar-se em função da habitual dinâmica de renovação de poderes e títulos, pelo que não admira que estes se tenham localmente adaptado presumindo a renovação anual do poder tribunício e considerando os trabalhos planeados.

A utilização do nominativo e a informação específica dos miliários de Maximino em associação ao filho Máximo (*PIR*² I 620) apontam para uma intervenção direta na rede viária e, em concreto, na via XVIII, depois da concretizada no tempo de Caracala (cf. *MOIVNH* 251 [*a Bracara Augusta*, milha XIV], 260 [milha XVI], 264 [milha XVII], 271 [milha XIX], 332 [milha XXXI], 348 [milha XXXII], 366 [milha XXXIII], 383 [milha XXXIV], 392 [milha XXXV], 403 [milha XXXVI], 415 [milha XXXVII], 418 [milha XXXVIII], 477 [milha XCIII], 485 [milha ?], 510 [*ab Asturica Augusta*, milha ?]), conforme atesta a forte presença de miliários, inclusive em milhas consecutivas, sendo interveniência que se aprecia igualmente nas vias XVII e XIX, inclusive com Macrino (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 57). A intervenção nesta via, dita *noua*, no governo de Maximino está documentada por mais 15 miliários (*MOIVNH* 245 [*a Bracara Augusta*, milha XII], 289 [milha XXIV], 313 [milha XXIX], 349 e 350 [milha XXXII], 367 [milha XXXIII], 368 [milha XXXIII?], 384 [milha XXXIV], 410? [milha XXXVI], 416 [milha XXXVII], 431 [milha LII], 446 [milha LXVI], 453 [milha LXVII], 460 [milha LXXI], 461 [milha LXXIII], 468 [milha LXXX]), incluindo nas milhas mais imediatas. Como se observa, constam nas milhas XXIX, XXX, XXXII, XXXIII, XXXIV e XXXVI, imaginando-se que também a XXXI e a XXXV contassem com miliários deste imperador.

As vias seriam reparadas de tempos em tempos, sobretudo quando se mostravam imprestáveis para o *cursus publicus* ao tornarem-se dificilmente transitáveis. As condições meteorológicas e o acidentado da montanha impunham intervenções mais amiudadas, não tanto decorrentes de necessidades de reativação económica como bem se tem sublinhado (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 57). A produção miliária de Maximino revela de modo evidente a intervenção na infraestrutura viária, longe de conotação puramente honorífica.

4. MILIÁRIOS INÉDITOS DAS MILHAS XXX E XXXI A BRACARA AVGVSTA: REFERENTES AOS FILHOS DE CONSTANTINO MAGNO

Ambos os miliários recuperados em 1992 estão dedicados aos três sucessores de Constantino I: Constantino II, Constâncio II e Constante. Não foram, até à atualidade, objeto de publicação detalhada, nem de leitura cabal, embora o seu conhecimento não seja alheio à comunidade científica. Inclusive ambos foram arrolados no monumental *corpus* de miliários das vias do Noroeste elaborado por A. Rodríguez Colmenero, S. Ferrer Sierra e R. D. Álvarez Asorey (2004), no qual receberam numeração específica (MOIVNH 327 e 338), indicando-se que se esperava o seu estudo por parte dos autores da descoberta [FSL e AMB].

Como detalhadamente se poderá de seguida confirmar pela transcrição dos textos, em nenhum destes dois miliários (PLRE 223, 4) a totalidade dos cognomes se gravou por extenso, o que pode induzir variações no respeitante à sua leitura. Considerando que o elenco se inicia em ambos pela menção ao mais velho dos descendentes, tomámos a opção metodológica de adotar, no desdobramento, a ordem de receção do título de Césares, que não é equivalente às suas idades, tendo acontecido para Constantino (PLRE 223, 3) em 317, para Constâncio (PLRE 226, 8) em 324 e para Constante (PLRE 220, 3) em 333. Esta análise, ainda que eminentemente teórica, está também de acordo com o registo epigráfico habitual que se conhece, em diferentes partes do império, nas inscrições que os visam. Tal não significa que ao viandante não fosse mais prático ler nomes inteiros ou o mais completos possível, pelo que em termos subjetivos essa ordem poderia experienciar-se invertida no respeitante a *Constantius* e *Constans*, uma vez que não oferece dúvida a abertura do elenco da tríada com o nome de *Constantinus*. E também é certo que temos um exemplar desta mesma estrada dedicado a Constantino e a Constâncio (MOIVNH 425), no qual o nome deste precede o anterior. Todos datarão de 337-340, período que medeia entre a receção dos títulos de Augusto (9 de Setembro) pelos três, associada à divisão do império entre eles, e a morte de Constantino II (primavera) (Kienast, Eck e Heil, 2017: 296-303), embora este último miliário, não anterior à milha XXXIX, possa localizar-se em *ciuitas* distinta da dos primeiros – a dos *Querquerni* (Martins, Lemos e Pérez Losada, 2005: 262-263; Redentor, 2017: 74-85).

4.1 Miliário da Bouça da Mó (milha XXX)

No decurso de trabalhos de prospeção realizados em maio de 1992, com anterioridade à campanha de escavação arqueológica que decorreu entre 17 de junho e 28 de julho, sob orientação de Francisco Sande Lemos e António Martinho Baptista, em que se definiram os alicerces da *mutatio*, foi identificado o primeiro miliário recuperado na milha XXX. Encontrava-se tombado no lado poente da via, no local designado por Berbezes, integrado num dos muros divisórios dos campos da aldeia de Vilarinho, localizado abaixo da linha da cota máxima da barragem (Lemos e Baptista, 1995: 116-117; Baptista, Encarnação e Lemos, 1995: 20-21; MOIVNH 327; Lemos *et al.*, 2008: 103).

Por ser um miliário de pequenas dimensões e por o ponto correspondente à sua localização ficar normalmente submerso, foi, então, removido e guardado em instalações do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Encontra-se presentemente na sede deste, em Braga.

Este suporte corresponde a um cilindro elíptico de granito, incompleto, com uma altura conservada de 70 cm e eixos de 37 e 25 cm (Figura 6).

A inscrição desenvolve-se em quatro linhas, mas admitimos que possa ter tido pelo menos uma mais, completando a designação imperial dos três filhos de Constantino. Não é seguro, porém, que incluísse a expressão miliária do ponto em que se implantava, pois ela afigura-se ausente no seguinte, com a mesma cronologia, ainda que tal não constitua regra nos miliários dos filhos de Constantino no Noroeste, como comprova o da milha subsequente (*MOIVNH* 353), a XXXII. Assinale-se que a presença de marcos contendo essa indicação em determinada milha poderá justificar que eventualmente se tivesse evitado repetir a menção da distância noutros posteriores, por esta se tornar redundante (Rebuffat, 1995: 25; Mantas, 2012: 150).

O texto encontra-se distribuído por quatro regras (Figura 7), tendencialmente alinhadas à esquerda, embora a primeira se inicie claramente mais à direita que as seguintes, sem, todavia, acompanhar o eixo central do espaço epigrafado, o qual não apresenta qualquer tipo de delimitação, iniciando-se com relativa proximidade à aresta superior do suporte¹. A incisão das letras capitais comuns é profunda e irregular, tendo-se recorrido a nexos, somente explicável como forma de suprir lapso, no início da terceira linha, compondo a conjunção *et*. A leitura é como segue:

DD(ominis) NN(ostris)
CONSTANTIN(o)
ĒT̄ ÇONS(t)ANTI(o)
ET CONSTAN(ti)
[AVGG(ustis)]
[M(ilia) P(assuum) XXX]?

Aos Nossos Senhores Constantino e Constâncio e Constante, Augustos. Milha 30 (?).

Na linha 1, contrariamente ao primeiro, o segundo D apresenta pança perfeitamente curva e os NN inclinação para a frente e vértice inferior arredondado. Na seguinte, destaca-se o O ovalado e o S de curvas esguias, os TT de barra apenas insinuada

¹ Altura das letras (cm): l. 1: 7,5/10; l. 2 e 3: 8/10; l. 4.: 9/12,5. Margem superior (cm): 10. Margem inferior (cm): [8]. Espaços interlineares (cm): 1: 4/6; 2: 1/3; 3: 2,5/6.

à esquerda da haste, o A largo e com travessão; o segundo N afigura-se montado a partir de A e com a haste direita inclinada para a frente, tal como o terceiro, enquanto o primeiro se distingue pelas barras extremas quase direitas; o I também apresenta ligeira inclinação para diante. A terceira linha inicia-se no mesmo eixo da anterior, por um inusitado nexu ET, com duas barras desiguais ligadas ao lado esquerdo da haste do T, abaixo da barra superior que, à semelhança dos TT anteriores, se desenvolve essencialmente para o lado direito; o C é pequeno e anguloso, as restantes letras são idênticas às congêneres das linhas anteriores, seja o O ovalado e o S esguio, seja o A largo com travessão, o T de barra descentrada ou o I inclinado para diante, tal como as hastes direitas dos NN. A última linha conservada inicia-se com E de que apenas a barra superior e o início da haste se conservam, seguindo-se-lhe T distinto dos anteriores, e do seguinte, pela barra uniformemente desenvolvida de ambos os lados da haste, tal como é o C, em arco de círculo aberto, o O, bem redondo e o A sem travessão e de vértice arredondado; o N, largo a partir de A e com o vértice inferior arredondado e a haste extrema para diante, o S esguio, com o topo quase horizontal, o N, a que falta a haste direita perdida por desgaste, e elaborado partir de A, são mais conformes aos restantes.



Figura 6

Miliário dos filhos de Constantino I
da Bouça da Mó (milha XXX)
[© Autores]

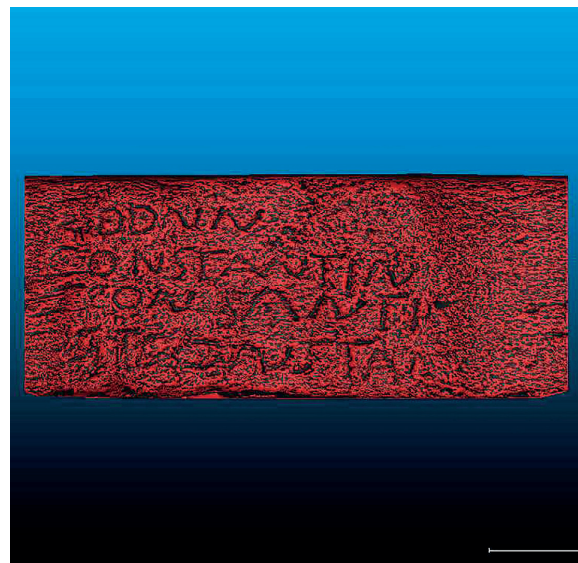


Figura 7

Modelo fotogramétrico desdobrado
do miliário dos filhos de Constantino I
da Bouça da Mó (milha XXX) [© Autores]

Para além das já comentadas formas abreviadas associadas aos nomes imperiais, o texto abre com as correntes abreviaturas DD e NN para significar *dominis nostris*. Em teoria estes caracteres deveriam apresentar-se triplicados considerando o número de personagens imperiais visados (cf. Gordon, 1948: 110), mas a prática concreta demonstra usos não rigorosos deste expediente epigráfico tardio, como evidenciam exemplos de todo o império e também os miliários desta via, nomeadamente os restantes dos filhos de Constantino I.

4.2 Miliário do Bico da Geira / Ribeira de Padredo (milha XXXI)

O segundo miliário inédito dos filhos de Constantino I está associado à milha seguinte da *uia noua*, a XXXI, situada no designado Bico da Geira, junto à ribeira de Padredo. Tem configuração cilíndrica, com um diâmetro máximo de 31 cm e uma altura conservada de 100 cm, mas a sua incompletude não afeta, à partida, o texto gravado, considerando o espaço disponível entre a última linha e a amputação da parte inferior (Figura 8).

O exemplar que apresentamos foi aí encontrado semienterrado (Lemos e Baptista, 1995-1996: 118; *MOIVNH* 338), durante os trabalhos de desmatamento e limpeza realizados entre 22 e 28 de julho de 1992, encontrando-se, tal como o anterior, à guarda dos serviços da tutela do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Está presentemente no Centro de Recuperação de Aves desta instituição, no Gerês.

O texto divide-se por cinco linhas e não inclui a menção à milha em que se implanta, a não ser que esta tivesse existido na parte perdida do miliário, mas tal presunção implicaria que o numeral estivesse bastante separado do texto conservado, pelo que preferimos não a valorizar (Figura 9). A paginação é idêntica à do anterior, tendencialmente alinhada à esquerda, mas apenas as duas derradeiras linhas se iniciam no mesmo ponto. Da terceira até à primeira, o início é progressivamente mais adiantado para a direita. A que inicia o texto posiciona-se muito próximo da extremidade do cilindro². A incisão das capitais comuns é irregular e larga. A leitura é a seguinte:

DD(ominis) NN(ostris)

CONSTANTIN(o)

ET CONSTAN(tio)

ET CONSTANTI

AVGGVS(tis)

Aos Nossos Senhores Constantino e Constâncio e Constante, Augustos.

Os DD da linha inicial apresentam pança pequena e fechada, sendo a do primeiro algo angulosa, e os NN destacam-se pelas hastes direitas ligeiramente inclinadas para diante. A linha seguinte inicia-se por C aberto antecedendo um pequeno O ovalado, posicionado como que a entrar na curva da letra anterior; os NN não se igualam todos, pois se a haste do primeiro é vertical, as dos seguintes apresentam inclinação para diante; as curvas do S são desiguais, sendo a inferior semicircular,

² Altura das letras (cm): l. 1: 8; l. 2: 8,5/10,5 (O = 7,5; T (2°) = 7,5); l. 3: 8,5/9,5 (O = 7,5); l. 4: 8,5/10,5 (O = 8); l. 5: 12. Margem superior (cm): 2,5/3. Margem inferior (cm): [38]. Espaços interlineares (cm): 1: 1,5/2,5; 2: 2/2,5; 3: 1,5/4,5; 4: 2/4.

e o A apresenta travessão e a haste esquerda quase vertical; os TT são desiguais, já que a barra do primeiro é centrada e a do segundo se desenvolve essencialmente para a direita da haste; abaixo desta, o I vertical. Na terceira linha, o E inicial tem barras iguais e o T que se lhe segue apresenta a barra deslocada para a direita; o C e o O surgem bastante juntos, como na linha anterior; o N largo, de hastes extremas pouco inclinadas, contrariamente ao seguinte, que mostra a haste direita para diante; o S apresenta a curva superior, mal conservada, mais fechada que a oposta; segue-se T idêntico ao anterior e o A sem travessão. A quarta linha é, como a anterior, iniciada pela conjunção *et* e o E inicial destaca-se pela barra central mais larga que as extremas, sendo que o T mostra a barra desenvolvida para o lado direito da haste e em perfil algo côncavo; segue-se C e O, com *ductus* e posições relativas idênticas às que este par ostenta nas linhas anteriores; o vértice inferior do primeiro N é ligeiramente acima da linha, tal como no seguinte, e a haste inclinada para diante, enquanto a do seguinte encurva para trás; a curva inferior do S revela-se bastante mais desenvolvida que a superior, os TT apresentam barra descentrada para o lado direito da haste; A largo, com travessão ligeiramente descendente para a esquerda; finaliza com I reduzido a traço simples, posicionado abaixo da barra do T que o antecede. A derradeira linha encerra abreviatura, iniciada por A largo provido de travessão menos profundo que as hastes, seguido de V com a haste esquerda mais aberta; segue-se par de GG bastante abertos, com a perna a curvar para baixo; o V seguinte destaca-se pela desigualdade das hastes, sendo a direita mais baixa, travada pelo desenvolvimento das curvas do S que se lhe segue, bem proporcionadas de modo a lhe conferirem traçado esguio e ligeiramente inclinado para diante.

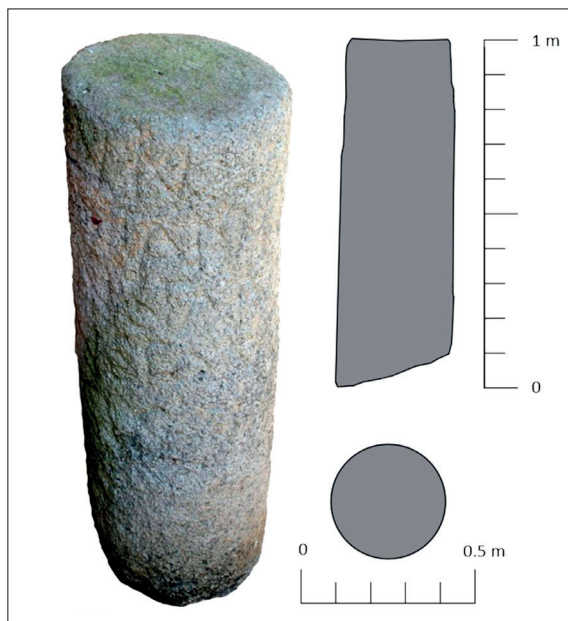


Figura 8
Miliário dos filhos de Constantino I
do Bico da Geira (milha XXXI)
[© Autores]

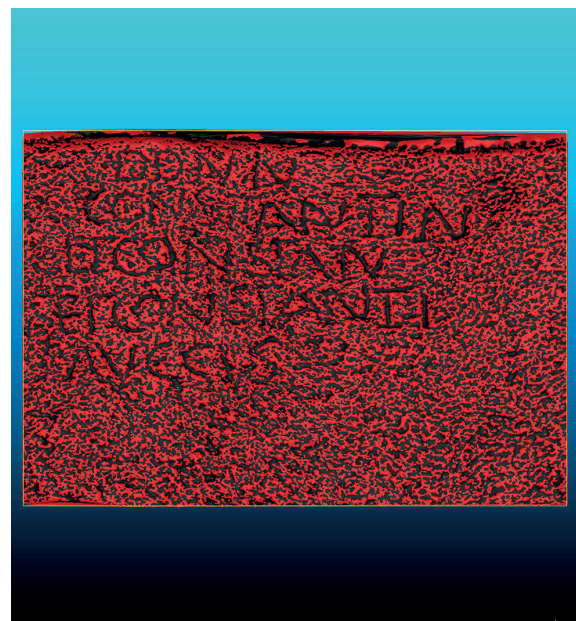


Figura 9
Modelo fotogramétrico desdobrado
do miliário dos filhos de Constantino I
do Bico da Geira (milha XXXI) [© Autores]

A minuta seguida aponta as mesmas abreviaturas iniciais constantes do miliário anterior, com as discrepâncias já comentadas na apresentação dos nomes dos três Augustos, sendo também de referir o inusitado da abreviatura *Auggus(tis)*. Em consonância com a duplicação dos caracteres da linha inicial, a dupla de GG indicia que se teria projetado uma trivial abreviatura AVGG que, talvez por mau entendimento, não se respeitou e se excedeu.

As condições de conservação a que o suporte esteve submetido até à sua exumação permitiram que conservasse restos de pintura avermelhada. Tal observa-se de forma direta nos sulcos da última letra da segunda linha e na que a antecede, na qual os tons de vermelho roseados são pouco mais que vestigiais (Figura 10). Este tipo de vestígios é verdadeiramente excecional na epigrafia viária do Noroeste. Pelo menos tão-só temos referência à presença de restos de pintura num outro miliário, desta feita de Tibério, descoberto junto à ponte de Prado sobre o rio Cávado (*MOIVNH* 142), no traçado da via XIX do Itinerário de Antonino, a *Bracara Asturicam* por Lugo, indiciando um procedimento que seria recorrente no acabamento das inscrições viárias ao longo de todo o período imperial, sendo que também os miliários anepígrafos poderiam ter recebido letras pintadas (cf. Sillères, 1990: 52).

Considerando a excecionalidade da preservação de vestígios de cor em suportes rudes como estes e que, por regra, estão, ou estiveram, expostos a condições deposicionais e/ou atmosféricas propícias à sua degradação, entendeu-se proceder à sua avaliação com recurso a técnicas de análise *in situ* (fluorescência de raios X) e laboratoriais (difração de raios X, microscopia digital e eletrónica de varrimento com espectrometria de dispersão de energia e espectroscopia de Raman). Os resultados da análise são compatíveis com a hematite, o que aponta para a utilização deste óxido de ferro como fonte de matéria-prima para o pigmento empregue (Bottaini *et al.*, no prelo). Na realidade, a hematite é a principal matéria corante nos chamados ocre vermelhos (Eastaugh *et al.*, 2004: 320, *s. v.* Red ochre) e a abundância deste mineral nos depósitos geológicos torna-o uma fonte acessível e barata para obtenção de pigmentos utilizáveis com esta finalidade de criação de *litterae rubricatae*, sendo conhecida a sua ocorrência local, associada a quartzos, na zona dos Carris (Moura *et al.*, 2014). O seu uso está de acordo com o conhecimento transmitido pelos autores clássicos, designadamente Vitruvius (*De Arch.* 7.7.2) e Plínio, o Velho (*Nat.* 33.117; 35.30-35).



Figura 10
Vestígios de pintura no miliário dos filhos
de Constantino I do Bico da Geira
(milha XXXI) [© Autores]

5. NOTA CONCLUSIVA: OUTROS MILIÁRIOS RELATIVOS AOS FILHOS DE CONSTANTINO NA VIA XVIII

Após a inviabilização do projeto de sucessão de Constantino I por intermédio do filho mais velho, Crispo, que o próprio pai executa em 326, acusando-o de conspiração (Scarre, 1995: 215-216; Southern, 2004: 250; Mitchell, 2015: 71), virá a caber à tríade de descendentes referidos nos dois miliários que acabámos de apresentar esse desígnio (Scarre, 1995: 224-225; Mitchell, 2015: 75-76). Tornados co-imperadores após a sua morte, ocorrida durante a preparação de campanha contra os Sassânidas em 337, virão a protagonizar uma partilha do império em que coube ao primogénito, Constantino II, a parte ocidental, designadamente a Hispânia, a Britânia e Gália (Davis, 2012), ao do meio, Constante, a parte central, nomeadamente a península itálica, Ilíria e África (Hunt e Harris, 2012), e ao mais novo, Constâncio II, a parte oriental. Todavia, Constantino II virá a ser morto em 340 e, uma década depois, em 350, o mesmo acontece a Constante, na sequência de golpe protagonizado pelo general Magnêncio, que o derrubou do poder, pelo que Constâncio II singrará como imperador único após derrotar este usurpador no ano seguinte, falecendo uma década depois, quando se preparava para confrontar Juliano, declarado *Augustus* na Gália no ano anterior, ou seja, em 360 (Hunt, 2012).

Considerando que, em ambos os miliários, se faz menção aos três sucessores de Constantino I, estes suportes viários têm, assim, uma cronologia balizada entre 337, ano em que são elevados a Augustos, e 340, ano da morte do mais velho. E os mesmos afiguram-se, pelas respetivas características epigráficas, realizados em estaleiro de obra e não necessariamente pelo mesmo executante, dadas as diferenças de *ordinatio*, de gravação e paleográficas, estas bem nítidas ao nível dos SS e NN (cf. Figuras 6 e 8).

Conforme se referiu anteriormente, a milha subsequente às analisadas, a XXXII, situada na Volta do Covo, conserva um terceiro miliário deste período evocativo da mesma tríade de imperadores, o qual em 2004 foi divulgado como inédito (MOIVNH 353). O texto, tendo estrutura idêntica à dos anteriores, remata, porém, com a indicação numérica da milha.

Em Torno, Lobios, a norte da Portela do Homem, num ponto em que a via já segue pelo vale do Lima, não longe do acampamento de *Aquae Querquernae*, um miliário (MOIVNH 425) elenca apenas Constantino II e Constâncio II, este apelidado de *victor ac triumphator* e o primeiro considerado *bono rei publicae natus*. Plausivelmente terá a mesma cronologia que os anteriores, a não ser que a ausência de referência a Constante se tome como sintoma da ambição do primeiro sobre os destinos controlados por este irmão com base numa ideia de primogenitura e, sobretudo, na crença relativamente ao sucesso da ação militar que o levou à invasão dos territórios que ele controlava, na qual encontrou a morte no meio de uma emboscada junto a Aquileia em 340, datando-o precisamente desta fase. Um miliário hoje desaparecido, mas dado como existente em San Lorenzo de Cañon (CIL II 4852 = MOIVNH 633), nas proximidades

de Celanova, afigura-se com a mesma estrutura textual do anterior, apesar de a transcrição de que há notícia não ser completa. Todavia, a sua localização afastada do traçado da *uia noua* faz com que se considere associado a uma via distinta, possivelmente de ligação entre *Lucus Augusti* e *Aquae Querquernae*.

É interessante ver representada nos textos viários desta estrada a solução de continuidade governativa do império após o desaparecimento de um imperador a todos níveis marcante como foi Constantino I, pela via dos seus três filhos que já se encontravam designados como Césares. Este imperador conta com três miliários na própria *Bracara Augusta* (MOIVNH 25, 26 e 31) e dois na *uia noua* (MOIVNH 337 e 405), o que corresponde a metade do número de miliários que lhe são atribuídos no Noroeste (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 795). Não obstante, para além das celebrações conjuntas, aqueles imperadores contam também com miliários exclusivamente a si dedicados (Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 796-799), com destaque para Constantino II e, sobretudo, Constâncio II, situação que poderá decorrer do facto de o primeiro ter ficado com o governo das províncias mais ocidentais e de o segundo ter vingado no governo imperial, a que corresponde um mais lato lapso cronológico à cabeça dos destinos imperiais.

Um dos aspetos que ressalta da observação da via na paisagem geresiana é a presença de miliários da mesma cronologia em milhas consecutivas. Isso não acontece exclusivamente com os miliários dos filhos de Constantino I. Vimo-lo também a propósito dos miliários de Maximino, cujos textos, redigidos em nominativo, afirmam precisamente a importância da sua intervenção na rede viária regional e em concreto do Noroeste, mas tal ocorre ainda com outros governantes (cf. Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra e Álvarez Asorey, 2004: 751-766).



Figura 11

Aglomerado de miliários no Bico da Geira (milha XXXI) [© Autores]

Não obstante, os miliários referentes aos filhos de Constantino I no troço da serra do Gerês intensificam a perspectiva da importância de realização de cíclicas intervenções em setores concretos da estrada mais expostos à degradação, tendo-se visto a sua presença em três milhas consecutivas, pese embora possam assumir também conotação honorífica (Campedelli, 2022: 127-128). A elevada concentração de miliários nestas paragens de montanha, de baixa densidade de povoamento (Carvalho, 2008: 337-361) e muito sujeitas aos danos provocados pelas intempéries, indicará que a dimensão honorífica que se desprende dos textos não estará sempre, ou completamente, dissociada de quaisquer trabalhos reais de manutenção ou recuperação das infraestruturas, sabendo-se que a partir do século III muitos miliários se levantam também como dedicatórias aos imperadores (Kolb, 2015: 657).

Tanto na milha XXX, como na XXXI (Figura 11) concentram-se marcos de épocas distintas, apontando decerto essa recorrência de manutenções, num contexto em que a topografia declivosa sulcada por rede hidrográfica densa e as condições meteorológicas, nomeadamente as relativas à precipitação (sob a forma de chuva e de neve), tornariam a infraestrutura viária demasiado suscetível. Tratando-se de uma *uia publica*, os custos dessas reparações periódicas seriam em primeiro lugar atribuídos aos que mais diretamente dela beneficiavam (Kolb, 2015: 658) e essas ocasiões seriam, então, também ocasião para mostrar adesão aos imperadores reinantes (Encarnação, 1995-1996: 42; Mantas, 2012: 150-151), não devendo descartar-se a eventual influência do elemento militar na justificação da elevada concentração de miliários, como noutras regiões militarizadas do império (cf. Laurence, 2004).

Concomitantemente, será de perspetivar que, tanto a infraestrutura viária, como os miliários são marca da autoridade imperial e simbolizam o próprio poder de Roma, pela evidência propiciada, sendo, particularmente os últimos, um evidente instrumento político. O setor geresino da *uia noua* bem o espelha à luz dos vestígios monumentais que nos são dados a observar e que os miliários que ora se apresentam reforçam.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (2020), «Miliarios romanos de la provincia de Pontevedra (*Hispania citerior*)», *Anuario Brigantino* 43, páginas 47-86.
- ALFÖLDY, G. (1969), *Fasti Hispanienses: Senatorische Reichsbeamte und Offiziere in den Spanischen Provinzen des römischen Reiches von Augustus bis Diokletian*, Weisbaden.
- ANDREU PINTADO, J. (2022), *Liberalitas Flavia: obras públicas, monumentalización urbana e imagen dinástica en el Principado de los Flavios (69-96 d. C.)*, Sevilla.
- BAPTISTA, A. M., ENCARNAÇÃO, J., LEMOS, F. S. (1995), «A via romana XVIII (*Via Nova*) no Parque Nacional da Peneda-Gerês», in Baptista, A. M., Encarnação, J., Lemos, F. S., González Fernández, E., Ferrer Sierra, S., Herves Raigoso, F. M. (eds.), *A Via XVIII do Itinerário de Antonino na Serra do Gerês-Xurés: roteiro arqueológico*, Braga, páginas 4-35.
- BARBOSA, R. (2011), «Marco miliário a descoberto na milha XXX», *Carris*, 20 de Outubro de 2011, visitado em 06.07.23, disponível em: <http://carris-geres.blogspot.com/2011/10/marco-miliario-descoberto-na-milha-xxx.html>.
- BARROS SIBELO, R. (1875), *Antigüedades de Galicia*, A Coruña.
- BARROS SIBELO, R. (s/d), *Memoria descriptiva del plano del primer tramo de la Via Nova*, Mss. Inéditos, Real Academia de la Historia, Cart. 9/7965/7.
- BOTTAINI, C., REDENTOR, A., ALVES, M., BERNARDES, P., MIGUEL, C., OLIVEIRA, C. (no prelo), «Vestígios de pintura em miliário romano da *uia noua* (milha XXXI a *Bracara Augusta*), Norte de Portugal: uma abordagem multidisciplinar», s. pp.
- CAMPEDELLI, C. (2022), «The impact of Roman roads and milestones on the Landscape of Iberian Peninsula», in Horster, M., Hächler, N. (eds.), *The Impact of the Roman Empire on Landscapes: Proceedings of the Fourteenth Workshop of the International Network Impact of Empire (Mainz, June 12-15, 2019)*, Leiden-Boston, páginas 111-130.
- CARVALHO, H. P. (2008), *O povoamento romano na fachada ocidental do conuentus Bracarensis*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia pela Universidade do Minho (2 vols.), Braga.
- CHEVALLIER, R. (1988), *Voyages et déplacements dans l'Empire Romain*, Paris.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869 e 1892).
- CUNTZ, O., ed. (1990), *Itineraria Antonini Augusti et Burdigalense (Itineraria Romana; 1)*, ed. stereotypa ed. primae 1929, Stuttgart.
- DAVIS, R. (2012), «Constantine II (Flavius Claudius Constantinus)», in Hornblower, S., Spawforth, A., Eidinow, E. (eds.), *The Oxford Classical Dictionary*, 4th ed., Oxford, página 365.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1995-1996), «Miliários da Geira: informação e propaganda», *Cadernos de Arqueologia* 12-13 (série II), páginas 39-43.

- EASTAUGH, N., WALSH, V., CHAPLIN, T., SIDDALL, R. (2004), *The Pigment Compendium: A Dictionary of Historical Pigments*, Oxford.
- FERREIRA, J. M. (1982), *Thesouro de Braga descoberto no Campo do Gerez* [publicação de manuscrito datado de 1728], Braga.
- FERRER SIERRA, S., RODRÍGUEZ COLMENERO, A. (2010), «Oito novos miliarios na Via Nova», *Larouco* 5, páginas 216-222.
- FONTES, L., ALVES, M., BERNARDES, P., MACHADO, E., BAPTISTA, A. M., COSME, F. (2020), *Avaliação do estado de conservação da Jeira no território do concelho de Terras de Bouro: estudo de avaliação do potencial turístico-cultural da Jeira (Geira)*, Braga.
- FORBES, R. J. (1965), *Studies in Ancient Technology, 2: Irrigation and Drainage, Power [Water- and Windmills], Land Transport and Road Building, The Coming of the Camel*, Second edition, Leiden.
- GORDON, A. E. (1948), *Supralineate Abbreviations in Latin Inscriptions*, Berkeley-Los Angeles.
- GRANGER, F., transl. (1934), *Vitruvius, On Architecture, Volume II: Books 6-10*, Loeb Classical Library 280, Cambridge, MA.
- GROAG, E., STEIN, A., ed. (1952), *Prosopographia Imperii Romani Saeculi I, II, III: Pars III (D-F)*, Edition altera, Berlin-Leipzig (= PIR²).
- HEp* = *Hispania Epigraphica*, Madrid.
- HÜBNER, E. (1869), *Inscriptiones Hispaniae Latinae, Corpus Inscriptionum Latinarum 2*, Berolini (= CIL II).
- HÜBNER, E. (1892), *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum, Corpus Inscriptionum Latinarum 2*, Berolini (= CIL II).
- HUNT, E. D. (2012), «Constantius II, Flavius Iulius», in Hornblower, S., Spawforth, A., Eidinow, E. (eds.), *The Oxford Classical Dictionary*, 4th ed., Oxford, página 366.
- HUNT, E. D., HARRIS, J. (2012), «Constans, Flavius Iulius», in Hornblower, S., Spawforth, A., Eidinow, E. (eds.), *The Oxford Classical Dictionary*, 4th ed., Oxford, página 363.
- JONES, A. H. M., MARTINDALE, J. R., MORRIS, J. (1971), *The Prosopography of the Later Roman Empire: Volume 1, AD 260–395*, Cambridge (= PLRE).
- KIENAST, D., ECK, W., HEIL, M. (2017), *Römische Kaisertabelle: Grundzüge einer römischen Kaiserchronologie*, 6 überarbeitete Auflage, Darmstadt.
- KOLB, A. (2011-2012), «The Conception and Practice of Roman Rule: the Example of Transport Infrastructure», *Geographia Antiqua* 20-21, páginas 53-69.
- KOLB, A., ed. (2014), *Infrastruktur und Herrschaftsorganisation im Imperium Romanum*, Berlin.
- KOLB, A. (2015), «Communications and mobility in the Roman Empire», in Bruun, C., Edmondson, J. (eds.), *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*, Oxford, páginas 649-670.

- LAURENCE, R. (1999), *The Roads of Roman Italy: Mobility and Cultural Change*, London-New York.
- LAURENCE, R. (2004), «Milestones, Communication and Political Stability», in Ellis, L., Kidner, F. L. (eds.), *Travel, Communication and geography in Late Antiquity: Sacred and Profane*, Aldershot, páginas 41-58.
- LEMOS, F. S. (2002), «*Bracara Augusta*: a grande plataforma viária do Noroeste da *Hispania*», *Forum* 31, páginas 95-127.
- LEMOS, F. S., BAPTISTA, A. M. (1992), *Geira, trabalhos arqueológicos de 1992: relatório* [relatório técnico policopiado], Braga.
- LEMOS, F. S., BAPTISTA, A. M. (1995-1996), «Estudo de um troço da via XVIII do Itinerário de Antonino na serra do Gerês (Geira romana)», *Cadernos de Arqueologia* 12-13 (série II), páginas 113-133.
- LEMOS, F. S., SILVA, R. P., LEITE, J. M. F., XUSTO RODRÍGUEZ, M., RIBEIRO, J., BAPTISTA, A. M. (2008), *A Via Nova (Geira) na serra do Gerês: trajecto entre as milhas XII e XXXVIII (Bracara Augusta – Aquis Originis)*, Terras de Bouro.
- LOURO, J. (2011), «Tesouro escondido em Vilarinho da Furna?», *Notas para o meu diário*, 19 de outubro, visitado em 06.01.2023, disponível em:
<http://asnotasparaomeudiario.blogspot.com/2011/10/tesouro-escondido-em-vilarinho-da-furna.html>.
- MACIEL, M. J., trad. (2015), *Vitrúvio, Tratado de Arquitectura*, 4ª ed, Lisboa.
- MANTAS, V. G. (2012), «Os miliários como fontes históricas e arqueológicas», *Humanitas* 64, 139-169.
- MARTINS, M., LEMOS, F. S., PÉREZ LOSADA, F. (2005), «O povoamento romano no território dos galaicos bracarenses», in Fernández Ochoa, C., García Díaz, P. (eds.), *Unidad y diversidad en el Arco Atlántico en época romana: III Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón (Gijón, 28, 29 y 30 septiembre 2002)*, BAR Internacional Series 1371, Oxford, páginas 279-296.
- MITCHELL, S. (2015), *A History of the Later Roman Empire, AD 284–641*, Second edition, Chichester.
- MOIVNH = RODRÍGUEZ COLMENERO, A., FERRER SIERRA, S., ÁLVAREZ ASOREY, R. D. (2004).
- MOURA, A., DÓRIA, A., NEIVA, A.M.R., LEAL GOMES, C., CREASER, R. A. (2014), «Metallogenesis at the Carris W–Mo–Sn deposit (Gerês, Portugal): constraints from fluid inclusions, mineral geochemistry, Re–Os and He–Ar isotopes», *Ore Geology Reviews*, 56, páginas 73–93.
- OZCÁRIZ GIL, P. (2013), *La administración de la provincia Hispania Citerior durante el Alto Imperio Romano: organización territorial, cargos administrativos y fiscalidad*, Barcelona.

- PEACHIN, M. (1989), *Roman Imperial Titulature and Chronology, A. D. 235-284*, Amsterdam.
- PETERSEN, L., ed. (1966), *Prosopographia Imperii Romani Saeculi I, II, III: Pars IV, Fasciculus 3 (I)*, editio altera, Berlin (= *PIR*²).
- PETERSEN, L., ed. (1983), *Prosopographia Imperii Romani Saeculi I, II, III: Pars V, Fasciculus 2 (M-O)*, Editio altera, Berlin (= *PIR*²).
- PIR*² = GROAG, E., STEIN, A., ed. (1952); PETERSEN, L., ed. (1966); PETERSEN, L., ed. (1983).
- PLRE* = JONES, A. H. M., MARTINDALE, J. R., MORRIS, J. (1971).
- RACKHAM, H., transl. (1952), *Pliny, Natural History, Volume IX: Books 33-35*, Loeb Classical Library 394, Cambridge, MA.
- REBUFFAT, R. (1995), «Peinture et inscriptions», *Revue Archéologique de Picardie* 10, 23-31.
- REDENTOR, A. (2017), *A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A., FERRER SIERRA, S., ÁLVAREZ ASOREY, R. D. (2004), *Miliarios e outras inscrições viarias romanas do Noroeste hispánico (conventos bracarense, lucense e asturicense)*, Santiago de Compostela (= *MOIVNH*).
- SCARRE, C. (1995), *Chronicle Roman Emperors Reign-by-reign*, New York.
- SILLIÈRES, P. (1990), *Les voies de communication de l'Hispanie méridionale*, Paris.
- SOUTHERN, P. (2001), *The Roman Empire from Severus to Constantine*, London-New York.

